

**Resenha:**

***As Paixões da Alma de René Descartes***

Rosineide Magno \*

Vinícius Rodrigues Maione \*\*

Recebido em setembro de 2025. Aprovado em outubro de 2025.

**Resumo:** Esta é uma resenha da obra *As Paixões da Alma* de René Descartes, seguida de uma reflexão que conecta as noções cartesianas de “alma forte” e “alma fraca” com a tradição bíblica e mostra como é possível entrelaçar razão, vontade e espiritualidade na construção de uma vida ética, equilibrada e significativa.

**Palavras-chave:** Descartes; *As Paixões da Alma*; Espiritualidade.

**Abstract:** This paper reviews René Descartes' *The Passions of the Soul* and offers a brief reflection that relates the Cartesian notions of the “strong soul” and the “weak soul” to the biblical tradition. The analysis highlights how reason, will, and spirituality can be interwoven in the pursuit of an ethical, balanced, and meaningful human life.

**Keywords:** Descartes; *The Passions of the Soul*; Spirituality.

\* Graduanda em Filosofia pela Universidade do Estado do Amapá (UEAP). E-mail: [lika.magno@gmail.com](mailto:lika.magno@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-2764-4466>.

\*\* Graduado em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre e Doutor pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atua como professor Adjunto na Universidade do Estado Amapá (UEAP). E-mail: [vinicius.maione@ueap.edu.br](mailto:vinicius.maione@ueap.edu.br).

## **As Paixões da Alma**

A obra *As Paixões da Alma*, publicada em 1649, constitui um dos textos mais significativos do pensamento cartesiano, resultado de um longo amadurecimento intelectual em torno da relação entre corpo e alma. Escrito em francês e dedicado à princesa Isabel da Boêmia, o livro reúne 212 artigos nos quais René Descartes investiga a natureza das paixões humanas, sua origem, funcionamento e implicações éticas, integrando de forma original elementos da filosofia, medicina e psicologia. Diferente de suas grandes obras sistemáticas como as *Meditações Metafísicas* (1641) e os *Princípios da Filosofia* (1644), este tratado apresenta-se como uma reflexão prática, voltada ao esclarecimento da vida afetiva e moral do ser humano.

No plano conceitual, Descartes parte de sua conhecida distinção entre duas substâncias: *res cogitans* (alma ou pensamento) e *res extensa* (corpo ou extensão). Contudo, ao mesmo tempo em que mantém o dualismo, enfatiza a união entre ambas, buscando explicar como as paixões surgem da interação entre o corpo, regido por mecanismos fisiológicos, e a alma, responsável pela percepção e pela vontade. Nesse sentido, a obra se inscreve em um ponto de tensão fundamental do cartesianismo: ao mesmo tempo em que preserva a separação substancial, procura compreender a comunicação entre corpo e alma, tema que havia sido objeto das correspondências com a princesa Isabel.

O livro é dividido em três partes: na primeira parte, Descartes dedica-se a estabelecer as bases fisiológicas de sua investigação, descrevendo o corpo humano como um organismo comparável a uma máquina, cujos movimentos obedecem a leis naturais. O funcionamento do coração aparece como ponto inicial dessa explicação, pois é dele que depende a circulação do sangue, responsável por alimentar e manter o calor vital. Essa circulação, por sua vez, gera os chamados “espíritos animais”, partículas sutis que percorrem o corpo através dos nervos e que, ao alcançarem o cérebro, possibilitam tanto as sensações quanto a comunicação com a alma. Para Descartes, “a natureza de minha alma é constituída unicamente pelo pensamento” (Guérout, 2016, p. 99), e essa distinção reforça que, ainda que os processos corporais possam ser explicados mecanicamente, a essência do humano está ligada à faculdade de pensar.

Na segunda parte da obra, o filósofo se dedica a definir de maneira mais precisa o que entende por “paixões da alma”. Ele as descreve como percepções, sentimentos ou emoções que pertencem exclusivamente à alma e que, diferentemente das simples sensações externas, são produzidas a partir da interação entre corpo e espírito. Tais paixões não surgem espontaneamente na alma, mas têm sua causa imediata nos movimentos dos “espíritos animais”, que circulam pelo corpo e

atingem determinadas regiões do cérebro. É esse mecanismo fisiológico que provoca, sustenta e intensifica as experiências afetivas, fazendo com que o sujeito sinta alegria, tristeza, desejo ou temor. Contudo, como destaca Descartes, “o pensamento, que caracteriza a alma, abrange tudo o que está de tal modo em nós que somos imediatamente seus conheedores” (Descartes, 1979, p. 179), o que significa que apenas a alma é capaz de dar sentido àquilo que o corpo transmite.

Por fim, na terceira e mais extensa parte do livro, Descartes volta sua atenção para o estudo detalhado das paixões fundamentais, que ele considera como o núcleo a partir do qual se derivam as demais. Entre elas estão a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria e a tristeza, cada uma analisada em sua origem, em suas variações possíveis e nos efeitos que produzem tanto sobre o corpo quanto sobre a alma. O filósofo procura mostrar como essas paixões influenciam o comportamento humano e de que forma podem ser reguladas ou moderadas pelo uso da razão e da força da vontade. Nesse ponto, destaca que uma alma forte é capaz de resistir aos impulsos desordenados, enquanto uma alma fraca é dominada por eles.

Esse esforço de compreender os afetos não como forças irracionais a serem eliminadas, mas como fenômenos naturais que podem ser guiados pelo intelecto, revela o caráter prático e ético da obra. Em última instância, a proposta cartesiana é oferecer ao leitor instrumentos para que a alma se torne “forte”, capaz de dominar os impulsos desordenados e de utilizar as paixões em benefício de uma existência mais equilibrada e livre. Ao afirmar que as paixões não são, em si mesmas, boas ou más, mas que sua moralidade depende do uso que delas fazemos, Descartes abre espaço para uma ética fundada na liberdade racional e na autonomia da vontade.

### ***As Paixões da Alma e a tradição bíblica, uma pequena reflexão***

*As Paixões da Alma* configura-se como uma das contribuições mais significativas de Descartes para a compreensão do ser humano enquanto unidade complexa de corpo e alma. Enquanto nas *Meditações* a atenção do filósofo recaía principalmente sobre a distinção ontológica entre as substâncias, a *res cogitans* e a *res extensa*, neste tratado, o desafio se apresenta de modo diverso: trata-se de evidenciar como essa separação, estabelecida em nível metafísico, pode ser articulada com a vida concreta do homem, vida que está constantemente atravessada por desejos, emoções, sentimentos e afetos. Descartes, ao se debruçar sobre essa dimensão, ilumina um aspecto eminentemente prático de sua filosofia, que, embora menos enfatizado do que sua metafísica ou sua teoria do conhecimento, revela-se igualmente essencial para a correta apreensão do alcance de seu pensamento.

É certo, entretanto, que tal projeto não se encontra livre de dificuldades. O esforço cartesiano de conciliar a mecânica corporal concebida como uma engrenagem fisiológica regida por leis naturais com a liberdade e a autonomia da alma, entendida como princípio do pensamento e da vontade, inevitavelmente esbarra em tensões conceituais de difícil resolução. A proposta de localizar a comunicação entre corpo e alma na glândula pineal exemplifica essas dificuldades, mostrando o quanto a explicação cartesiana, ao mesmo tempo em que inova, abre espaço para questionamentos. O problema central desta proposta reside na dificuldade de conciliar o papel fisiológico da glândula com sua função metafísica na comunicação entre substâncias distintas. Não surpreende, portanto, que, desde o século XVII, tais pontos tenham suscitado críticas e debates, tanto entre contemporâneos de Descartes quanto entre intérpretes posteriores, revelando que a problemática da união corpo-alma permanece como um dos nós centrais e mais instigantes de sua filosofia.

O verdadeiro mérito do tratado não reside na resolução completa da questão sobre a interação corpo-alma, mas na coragem intelectual do filósofo em não se esquivar da complexidade que envolve a tentativa de compreender a experiência humana em toda a sua dimensão. Descartes se empenha em analisar as paixões de modo a não as reduzir a meros mecanismos físicos ou a transformá-las em processos exclusivamente espirituais; ele procura, ao contrário, evidenciar a intrincada relação entre corpo e alma, mostrando que os afetos humanos dependem simultaneamente de movimentos fisiológicos e da interpretação consciente do pensamento. Esse esforço, que combina rigor conceitual e atenção às experiências concretas do homem, antecipa de maneira significativa discussões posteriores nos campos da psicologia, da fisiologia e da ética, constituindo um ponto de convergência entre investigação científica e reflexão filosófica sobre a vida afetiva e moral do ser humano.

Do ponto de vista pessoal, a leitura de *As Paixões da Alma* convida a uma reflexão mais ampla sobre a condição humana, indo além da razão meramente instrumental e pragmática, e abrindo espaço para considerar dimensões como a fé, o autodomínio e a liberdade interior. Ao apresentar a distinção entre alma forte e alma fraca, Descartes oferece categorias que não apenas estruturam sua análise filosófica das paixões, mas também permitem estabelecer diálogos fecundos com tradições espirituais, como a experiência cristã. Nesse contexto, a alma forte pode ser compreendida como um estado de confiança e estabilidade interior que se aproxima da fé inabalável evocada em 2 Coríntios 5:7 – “vivemos por fé, e não pelo que vemos” (Sagrada Bíblia Católica, 2008), uma postura de firmeza que

sustenta o sujeito diante das adversidades, transcende as circunstâncias imediatas e proporciona um sentido profundo de coerência e direção na vida.

Por outro lado, a alma fraca sugere uma condição marcada pela hesitação, pela instabilidade emocional e pela dificuldade de dominar os impulsos e paixões, lembrando a ausência de fé ou de convicção íntima que poderia ancorar a existência do indivíduo. Assim, as categorias cartesianas não apenas iluminam o debate filosófico sobre a interação entre corpo, alma e razão, mas também oferecem uma chave interpretativa para compreender o papel da fé enquanto força interna que orienta decisões, sustenta a ação moral e contribui para a formação de uma vida ética e equilibrada. Nesse sentido, a leitura do tratado sugere que a filosofia e a espiritualidade não são caminhos isolados, mas dimensões complementares que, quando articuladas, permitem ao ser humano pensar e viver sua liberdade de modo mais pleno e consciente.

A tradição bíblica reforça essa perspectiva ao conceber a fé não apenas como um sentimento passageiro, mas como “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos” (Sagrada Bíblia Católica, 2008), indicando sua dimensão de confiança profunda e sustentada. Nesse sentido, a fé transcende a simples crença cega ou a aceitação acrítica de dogmas; ela configura-se como uma escolha consciente, um exercício contínuo de confiança que se mantém mesmo diante da ausência de evidências imediatas ou da lógica das circunstâncias. A reflexão sobre questões como “cremos porque temos fé ou porque tememos o vazio?” evidencia que a fé, assim como as paixões analisadas por Descartes, não deve ser compreendida como algo meramente passivo, automático ou imposto; pelo contrário, ela requer a liberdade de decidir, a capacidade de assumir responsabilidades existenciais e o empenho do sujeito em orientar sua própria vida.

Nesse horizonte de análise, fé e paixão se aproximam conceitualmente: ambas podem exercer influência sobre o indivíduo, dominando-o ou sendo por ele controladas, de acordo com a força da alma e com a habilidade de conduzi-las mediante a razão e a vontade. Tal aproximação sugere que a experiência humana, ao mesmo tempo racional e afetiva, não pode ser plenamente compreendida sem reconhecer o papel ativo da consciência, seja no manejo das paixões, seja na vivência da fé, mostrando que a autonomia do sujeito é sempre condicionada pela inter-relação entre razão, emoção e convicção interior.

O livro de *Eclesiastes* (Sagrada Bíblia Católica, 2008), ao enfatizar a transitoriedade e a fragilidade de todas as buscas humanas, convida o leitor a refletir de maneira profunda sobre a limitação dos esforços voltados apenas ao conhecimento, às conquistas materiais ou às realizações terrenas. Ao descrever a

vaidade e a efemeridade de tais empreendimentos, o texto bíblico sugere que o ser humano, por mais diligente ou inteligente que seja, inevitavelmente se depara com a impossibilidade de encontrar satisfação plena apenas nas certezas imediatas da razão ou nos resultados das ações práticas.

Essa perspectiva enfatiza a necessidade de algo que ultrapasse o mundo concreto e ofereça um sentido mais amplo à existência. Nesse contexto, a fé surge como uma dimensão fundamental capaz de transcender as limitações da razão instrumental. Ela não se configura como uma simples fuga da realidade, nem como uma renúncia ao pensamento crítico, mas como uma base sólida de sentido e orientação que permite ao indivíduo integrar suas experiências, emoções e reflexões, encontrando firmeza interior mesmo diante das incertezas e adversidades da vida.

Quando essa leitura é confrontada com o pensamento cartesiano, percebe-se a possibilidade de uma articulação frutífera entre filosofia e espiritualidade, mostrando que ambas podem atuar como guias complementares na busca por uma vida equilibrada e significativa. Em *As Paixões da Alma*, Descartes não se limita a propor uma análise abstrata das emoções ou um tratamento puramente mecanicista do corpo. Ele oferece ferramentas conceituais para compreender como a razão, a vontade e a reflexão consciente podem regular as paixões, promovendo o autodomínio e a liberdade do indivíduo. Nesse sentido, o tratado revela-se surpreendentemente atual, ao convidar o leitor a perceber que a condição humana envolve a interação contínua entre corpo e alma, razão e emoção, conhecimento e fé. Ao enfatizar a importância da reflexão deliberada, o filósofo mostra que o governo das paixões não é apenas um exercício intelectual, mas um caminho para desenvolver força interior e autonomia moral, habilidades essenciais para lidar com a complexidade da experiência humana.

Por fim, ao estabelecer um diálogo possível entre o cartesianismo e a tradição bíblica, evidencia-se que a liberdade do ser humano não se realiza apenas no plano racional, mas também na dimensão espiritual, que confere sentido, estabilidade e coerência à existência. Essa integração entre razão e fé revela que a verdadeira autonomia não se limita à capacidade de tomar decisões lógicas ou calcular consequências; ela também requer uma convicção interior que sustente o indivíduo em sua trajetória, mesmo diante das incertezas ou da transitoriedade das conquistas terrenas. É precisamente nesse ponto de encontro entre filosofia e espiritualidade na interseção entre reflexão racional, regulação das paixões e confiança em algo maior que reside a maior riqueza de *As Paixões da Alma*. A obra, assim, não apenas oferece uma análise detalhada da vida afetiva e moral, mas

também se apresenta como um convite duradouro à reflexão sobre a totalidade da experiência humana, enfatizando a necessidade de unir lucidez, vontade e fé para viver de forma plena e consciente.

## Referências Bibliográficas

- DESCARTES, René. As Paixões da Alma. In: *Descartes*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Meditações Metafísicas*. Petrópolis: Vozes, 2022.
- \_\_\_\_\_. *Princípios da Filosofia*. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GUÉROULT, Martial. *Descartes segundo a Ordem das Razões*. Trad. Érico Andrade. Porto Alegre, 2016.
- SAGRADA BÍBLIA CATÓLICA. *Antigo e Novo Testamentos*. Trad. José Simão. São Paulo: Sociedade Bíblica de Aparecida, 2008. *Ebook*.